

Economista homenageia Campos

Homenageado por cerca de 500 economistas do Distrito Federal, o candidato a senador pelo PT, Lauro Campos, viveu ontem um raro momento de emoção. O Conselho Regional de Economia organizou um almoço na Churrascaria Rodelo, que reuniu muitos dos ex-alunos do professor Lauro Campos e alguns de seus colegas, como Dércio Munhoz e Paulo Timm, este dissidente do PDT, partido pelo qual tentou — e não conseguiu — ser candidato à Constituinte. Frustrado, como ele mesmo confessa, Timm engajou-se na campanha de Campos, que tem recebido os mais diversos apoios, como o do reitor da UnB, Cristóvam Buarque, e de candidatos de outros partidos, como Luis Carlos Sigmaringa.

Após Munhoz, Timm e Buarque discursarem, o próprio candidato fez um pronunciamento emocionado, provocando lágrimas de muitos de seus colaboradores. Aos 57 anos de idade, Lauro Campos afirmou que o primeiro impacto que teve, nesta campanha, foi descobrir ainda ter a capacidade de transformação. “Quando o partido veio à minha procura, para que eu enfrentasse essa campanha, jamais poderia supor que o aprendizado seria tão grande. Fechei os livros; mas não fechei aquilo que talvez fosse minha única virtude: a coerência”, disse sem esconder a emoção.

Ao seu lado, sua companheira e maior colaboradora na campanha, dona Oraida Campos, não sufocou as lágrimas. É ela quem organiza a agenda diária do marido-candidato

e chegou a criar um “jingle” para a campanha, que não foi gravado por falta de verba. A 16 dias das eleições, dona Oraida começa a preocupar-se com o cansaço do professor Lauro Campos e a dosar seus compromissos políticos. Mas o professor é o primeiro a cuidar de sua saúde: acorda sempre às cinco horas da manhã e passa mais de uma hora cuidando das plantas do jardim de sua casa, no Park Way, que ele mesmo faz questão de cultivar.

Logo depois, vai para a cozinha preparar o que dona Oraida chama de “coquetel macrobiótico” para toda a família (germe de trigo, aveia, mel, guaraná em pó e outros ingredientes batidos no liquidificador com leite). Esta rotina dura há anos e não foi interrompida nem mesmo para a campanha eleitoral, cujo plano diário é elaborado após o reforçado café da manhã.

O forte do candidato Lauro Campos são os debates. Ele calcula já ter participado de 90, desde o início da campanha e, em todos, recebe elogios dos próprios adversários. Em um debate na UnB, seu concorrente do PMDB, Pompeu de Souza, chegou a afirmar: “Depois que o professor Lauro Campos fala, não há mais o que falar sobre os problemas brasileiros. Em todos os debates que tenho participado com ele, concordo com todas as suas opiniões”.

Candidato pelo PDC também ao Senado, Newton Rossi afirmou, em outra



Lauro Campos

oportunidade: “Devemos reconhecer sinceramente o profundo conhecimento do professor Lauro Campos sobre os problemas econômicos e políticos da nossa sociedade e, acima de tudo, devemos reverenciar a sua honestidade intelectual”. Luis Carlos Sigmaringa, que concorre a uma vaga na Câmara dos Deputados pelo PMDB, chegou a confessar que cometerá uma infidelidade partidária votando no candidato do PT.

CANDIDATO SUPRAPARTIDÁRIO

Estes depoimentos demonstram que o professor Dércio Munhoz estava certo ao afirmar que Lauro Campos é “um candidato suprapartidário e que os votos que receberá em 15 de novembro não virão apenas dos simpatizantes do PT”. Mas quem é este candidato que, sem o suporte de grupos financeiros, cresce nas pesquisas de opinião pública e acredita na vitória em 15 de novembro? Autor de vários li-

vros de economia e política — como “A Crise de Ideologia Keynesiana”, “Malthus e Keynes, duas almas gêmeas irmanadas em defesa do capitalismo”, “Nem Freud, nem Max Weber”... — é, em fase final, “A crise completa” — Campos é professor de Economia Política da UnB há 22 anos.

Mineiro de Belo Horizonte, aos 57 anos ele resolveu deixar a sala de aula e percorrer as ruas das cidades-satélites e do Plano Piloto, em busca de votos. Não abriu mão, no entanto, de seu discurso crítico contra o capitalismo e o pagamento da dívida externa brasileira. “Deixei de ver os números frios nos livros e nas estatísticas para sentir a pulsante e desgraçada realidade brasileira de perto. Nunca aprendi tanto. Sei que a vitória nas urnas será muito difícil, o poder econômico é impressionante, bloqueia os candidatos mais pobres em favor dos osórios e lindhergs. Ainda assim, já me considero um vitorioso na caminhada que estou empreendendo”, diz o professor.

E Lauro Campos justifica sua decisão de se candidatar: “O intelectual, comprometido com a causa do trabalhador assalariado, deve sair a campo em defesa do ponto de vista do trabalhador, contra a predominância do ponto de vista do capital; unir o trabalho da cabeça ao trabalho executado pelas mãos sofridas”. Para ele, as carências sociais têm origem no desvio total dos recursos do Estado para os grandes industriais e banqueiros, para promover “o desenvolvi-

mento econômico e pagar a dívida interna e externa”.

Crítico dos políticos que estão hoje no Governo — “do antigo PDS, hoje travestidos de PFL” —, o professor não poupa o Plano Cruzado, “que já revela sinais de exaustão, sufocado pela dívida interna e externa”. Por isto, faz questão de afirmar que a “inflação zero não existe, é uma farsa completa”.

— O capital está sendo subsidiado e recebendo ora isenções ora redução de impostos, para compensar o congelamento dos seus preços decretado em 28 de fevereiro, enquanto o salário mínimo está efetivamente congelado. Os subsídios, as reduções de impostos e as cobranças generalizadas dos ágio não são captados pelos fiscais do IBGE para efeito do cálculo da inflação. Assim, os lucros dos capitalistas ficam garantidos, enquanto os salários permanecem congelados”.

Na opinião do candidato, após as eleições os salários serão arrojados e mais impostos cobrados. “Quem vai pagar os benefícios que Funaro e os economistas fleespinos estão concedendo aos industriais para manter os preços de suas mercadorias congelados a nível de consumidor? O Estado, como já dizia Adam Smith, nunca pagou a sua dívida. E o povo quem paga, através do aumento de impostos. E qual a saída que o governo vai utilizar passadas as eleições? Como vem fazendo ao longo das últimas duas décadas, cobrar mais impostos e arrochar ainda mais os salários”.